

AS FADAS DE PIEDADE E AS BRUXAS DE SALÉM

Tânia Mara Campos de Almeida.
Universidade Católica de Brasília (UCB)- Brasil

Resumo. Como dois fenômenos religiosos, motivados e sustentados por visões sobrenaturais de crianças e adolescentes, podem gerar transformações pessoais e sociais diametralmente opostas? Um dos fenômenos analisados faz parte do catolicismo popular brasileiro e se refere a uma aparição da Virgem Maria. O outro fenômeno revela uma dinâmica religiosa americana comum no século XVII, a inquisição puritana, capaz de levar muitas pessoas à morte e de promover significativas alterações nas vidas dos envolvidos e de suas comunidades. Além de se estabelecer uma comparação entre os dois fenômenos, procurou-se apresentar a riqueza dessas experiências, não cedendo a interpretações excessivamente psicologizantes, sociologizantes e pouco sensíveis à vivência do transcendente.

Palavras-chaves. Visões sobrenaturais, marianismo, puritanismo e transformações sociais

Abstract. How can two religious phenomena, motivated and sustained by supernatural visions of children and adolescents result in totally diametrically different personal and social transformations? One of the phenomena studied is part of the Brazilian Catholicism and refers to an apparition of the Virgin Mary. The other phenomenon, the puritan inquisition, reveals an American religious dynamic very common in the 17th Century. The inquisition caused many people to die and promoted significant changes in the lives of the people involved and in their communities. Besides comparing these two phenomena, the author's purpose was also to show the richness of these episodes, without surrendering to interpretations which are excessively psychological and sociological, and which are not sensible to the transcendent's experience of life.

Keywords. Supernatural visions, marianism, puritanism and social transformations.

Se, por um lado, a regra geral diz que a arte imita a vida, por outro, há curiosas exceções onde a recíproca é verdadeira. Este é o caso da aparição de Nossa Senhora em Piedade dos Gerais (MG – Brasil), cuja semelhança com um dos marcos do teatro norte-americano do pós-guerra é surpreendente. Refiro-me aqui à peça de Arthur Miller, *The Crucible* (1953), que, em sua versão para a língua portuguesa, recebeu o seguinte título: *As Bruxas de Salém*. Em razão disto e em homenagem ao renomado dramaturgo, falecido em fevereiro deste ano, utilizo tal obra e algumas de suas interpretações como uma estratégia analítica para fazer emergir, por aproximação e contraste, o que se esconde por detrás do drama mineiro.

Contudo, é importante dizer que, antes de mim, outros autores buscaram inspiração para a realização de seus trabalhos em *The Crucible*. Um deles foi o teatrólogo brasileiro Jorge de Andrade em *Vereda da Salvação* (1965). Como Miller e a conselho dele mesmo (Sobrinho, 1982: 90), Andrade procurou o assunto para sua peça num caso real de fanatismo religioso. Ele focalizou uma tragédia recente para a época, ocorrida na Fazenda São João da Mata, município de Malacacheta (MG - Brasil), em 1955. Isto é, alguns meeiros, membros da Igreja Adventista da Promessa e exaltados pelo ardor religioso da Semana Santa, mataram quatro crianças que julgavam possuídas pelo Demônio. A polícia, chamada pelo fazendeiro, liquidou os autores do crime.

O drama de Miller, porém, não pertence a seu tempo. Ele se passa no ano de 1692 e em Salem, Massachusetts. Trata-se de uma pequena aldeia, fundada por puritanos perseguidos na Inglaterra e onde, conseqüentemente, predomina um grande ardor religioso. Nela, as atividades e os interesses temporais estão subordinados aos espirituais e até o poder é exercido em nome de uma autoridade divina por intermédio de homens que se declaram seus representantes na Terra. Além da teocracia, no seio deste povo, fermenta ainda o desejo aquisitivo e um forte sentimento de culpa.

Baseando-se em cartas e documentos sobre julgamentos verídicos de feitiçaria, o escritor retrata esta sociedade puritana às voltas com um problema de histeria coletiva, que acaba por resultar em mortes. Tal empreendimento assemelha-se muito ao esforço etnográfico do antropólogo. Pois, embora a peça comece dizendo “No one can really know what their lives were like”, ao longo do texto, Miller tenta nos convencer que a Salem do século XVII era, de fato, aquela. Ele procurou conhecer intimamente essa comunidade e revelá-la de maneira cristalina, tanto que acreditava que ali o leitor descobriria a essência de um dos mais terríveis capítulos da

história da humanidade (“A Note on the Historical Accuracy of this Play” in *The Crucible*, op. cit.).

A trama começa no momento em que duas pré-adolescentes entram em “transe hipnótico” (termo do comentarista Sobrinho, 1982: 94) após, ao lado de outras garotas, terem dançado nuas e invocado espíritos na floresta. Descobertas, elas apontam, através de visões sobrenaturais, algumas mulheres como pactuantes com o Demônio para se protegerem, exatamente, desta acusação. De imediato, surge o temor da infiltração do Mal na comunidade e um processo inquisitorial, portanto, é aberto, levando pessoas inocentes à fogueira.

Numa primeira leitura, a coincidência mais marcante entre *The Crucible* e a manifestação da Virgem Maria diz respeito à operação sintetizadora de uma verdade coletiva deflagrada pelas meninas. Embora o registro ideológico destes dois casos seja diferente, pois, como mostrarei adiante, os valores consagrados em cada um deles estão invertidos e são opostos, é este mesmo gesto cristalizador da verdade social operado pelas videntes que os assemelha. Primeiramente, tal gesto retira as crianças, de modo geral, da posição marginal que ocupavam nas duas sociedades antes dos eventos extraordinários ocorrerem. Elas não tinham voz em seus meios, não eram valorizadas e nem sequer respeitadas, sendo totalmente determinadas pelos mais velhos. Assim, Miller nos conta:

He [Reverend Parris] was a widower with no interest in children, or talent with them. He regarded them as young adults, and until this strange crisis he, like the rest of Salem, never conceived that the children were anything but thankful for being permitted to walk straight, eyes slightly lowered, arms at the sides, and mouths shut until bidden to speak.” (Miller, idem: 1 e 2)

No entanto, a partir do instante em que começaram a ter visões incomuns, esse status foi completamente alterado. Os pequenos, tanto de Salem quanto de Piedade, se divinizaram e se elevaram à condição de mensageiros de Deus na Terra. Em conseqüência, eles se tornaram os detentores do poder, conservando o destino de toda a população em suas mãos.

Danforth: (...) Do you know, Mr. Proctor, that the entire contention of the state in these trials is that the voice of Heaven is speaking through the children?

Proctor: I Know that, sir. (Miller, ibidem: 84)

Juntamente com a inversão do lugar das crianças em tais comunidades, uma outra importante subversão da ordem também se deu. A partir da manifestação do sobrenatural, houve uma profunda revolução no modo de perceber e de definir a realidade. Afinal, como nas ficções, as videntes encantaram esses universos.

O mundo que, até então, era considerado real e imediato transformou-se em pano de fundo da vida de ambos os povos. As atividades rotineiras, os papéis e as obrigações sociais deixaram de ser organizadores do cotidiano. Em contrapartida, Nossa Senhora, o Demônio e demais entidades - objetos menos concretos do conhecimento - assumiram uma enorme solidez, passando a criar fatos objetivos e a fornecer novos significados aos fatos antigos.

Na verdade, assim como *The Crucible*, a aparição da Virgem nos mostra que existe um relacionamento muito estreito entre o mundo objetivo e o mundo das idéias. Ou melhor, estes termos se encontram em permanente contigüidade, sendo um referência básica para a existência do outro. Nestas duas histórias, portanto, fica explícito que fatos e representações são parte integrante de tudo que chamamos de realidade. Além disto, elas falam claramente de universos integrados, de cosmologias, onde não há a forte distinção do mundo moderno entre o real e o fantástico.

O curioso é que a fonte inspiradora do dramaturgo, que o levou a essas considerações diante dos julgamentos em Salem, foi um episódio do seu tempo: as perseguições políticas ao comunismo, encabeçadas pelo senador Joseph McCarthy na década de 50. Para Miller, as investigações feitas em nome da segurança nacional infringiam os direitos das pessoas questionadas, as quais freqüentemente abandonavam seus valores e crenças para escaparem às punições, encobrindo a sua culpa - de maneira igual à dos suspeitos de feitiçaria. Além disto, tais investigações encorajavam o surgimento de informantes movidos por interesses particulares ou por vingança.

Por conseguinte, nessa época, pairou uma atmosfera de desconfiança e de temor sobre os Estados Unidos, trazendo de volta a “caça às bruxas”. E, mais uma vez, esta foi gerada pelo terror, metamorfoseado numa aura sagrada e legitimado enquanto uma verdade objetiva.

[...] It was not the rise of ‘McCarthyism’ that moved me, but something which seemed much more weird and mysterious. It was the fact that a political, objective, knowledgeable campaign from the far Right was capable of creating not only a terror, but a new subjective reality, a veritable mystique which was gradually assuming even a holy resonance... That so interior and subjective an emotion could have been so manifestly created from without was a marvel to me. It underlies every word in *The Crucible*. (Miller, in Murray, 1967: 52)

Contudo, ao mesmo tempo que as visões sobrenaturais ergueram uma nova ordem, tanto em Salem quanto em Piedade dos Gerais, elas também falaram dos contextos em que despontaram. Quer dizer, num único movimento, construíram outras realidades e se referiram ao meios que as produziram, permitindo-nos conhecê-los. Em ambos os casos, parece-me que tal movimento resultou da facilidade com que as meninas captaram cristalizações discursivas - valores, necessidades, anseios coletivos, dentre outros aspectos presentes nas suas sociedades - e as traduziram sob a forma de símbolos sagrados. E não esqueçamos que, devido a sua natureza multivocal, os símbolos absorvem e condensam significados discrepantes numa mesma representação. Logo, eles não só conseguem refletir a estrutura político-social em que estão inseridos, legitimando posições sociais, mas também contribuem para subvertê-la.

Na verdade, por apreenderem a tradição em níveis de baixa consciência, as crianças, os xamãs e os artistas, de modo geral, têm maior acesso às estruturas inconscientes que os adultos tidos como “normais”. Nesses fenômenos, tal fato acontece nitidamente. As videntes, de uma maneira não mediada pela consciência, parecem ser “atravessadas” pelas matrizes discursivas de suas próprias culturas.

Tudo indica que Arthur Miller sensivelmente percebeu ou intuiu essa capacidade das crianças. Pois, mesmo tendo modificado alguns aspectos do julgamento verídico, como a idade de uma das meninas, ele as manteve no centro da peça, espelhando toda a aldeia. Assim, é por intermédio do imaginário infantil que os sentimentos e os pensamentos dos puritanos do século XVII nos são revelados. O autor mesmo reconhece, em um trecho de sua “Introduction” (citado in Murray, idem: 53), que as adolescentes nada criaram. Elas apenas deflagraram um processo que já se encontrava pronto e prestes a se desenvolver naquele local - o que, inclusive, justifica a imediata adesão do povo a ele.

Afinal, fenômenos de efervescência coletiva, semelhantes à caça às bruxas e à aparição de Nossa Senhora, não são frutos do acaso. Eles não ocorrem inesperadamente nem inexplicavelmente. Inúmeros são os fatores vitais e de importância decisiva que, interrelacionados, deles participam. Logo, como bem compreendeu o escritor, tais fenômenos se reduzem a ser reduzidos a uma única motivação.

Em *The Crucible*, as várias circunstâncias que deram início à histeria coletiva lentamente vão sendo apresentadas e conectadas umas às outras, dessacralizando o fenômeno para nós, leitores. Há uma gradual evolução

da mera alusão, ou sugestão, até a definição do fato da bruxaria em si. A origem destas razões encontra-se em pequenas motivações, como a inveja, o ressentimento e a ambição individual. No entanto, é o enraizado sentimento de culpa, inerente à sociedade puritana, e o desejo de encobri-lo que está na base.

Diferentemente, não é a culpa o que emerge por detrás das mensagens da Virgem de Piedade, assim como as motivações que relevo não são de ordem individual. Fatores sócio-econômicos são mais enfatizados do que as questões de ordem pessoal, apesar de não haver a intenção de tirar o caráter sagrado do acontecimento mineiro. Em boa medida, isto se deve à natureza do trabalho antropológico da maneira que o concebo, o qual busca apreender a aparição da Virgem enquanto fruto da interação entre os diversos grupos nela envolvidos sem, contudo, reduzi-la a uma mera representação destas relações sociais. Logo, procuro na crise da Igreja local, nos conflitos entre os camponeses, na possível construção de uma usina hidrelétrica e na tradição cultural apenas suportes para o desenvolvimento de um fenômeno que transcende este contexto específico.

Já Miller, para responder às exigências dramáticas, precisou inventar um triângulo amoroso, constituído por um homem e duas mulheres, que acaba por “naturalizar” o sobrenatural. Eis o núcleo da peça: a adolescente Abigail Williams, mola impulsora dos acontecimentos em Salem, era empregada na casa dos Proctors até que a senhora Proctor descobre um romance entre ela e seu marido. Por vingança, a jovem acusa Elizabeth Proctor de bruxaria e, embora deixe John Proctor fora desta acusação, ele é indiretamente envolvido. O desfecho do drama é trágico. John Proctor, o herói, não pode enfrentar o presente nem a si mesmo, se não se eximir da culpa (em especial, a do adultério) acumulada no decorrer dos anos. Ele, então, busca na morte o apaziguamento do conflito interior e a conservação do seu bom nome perante à sociedade.

Todas as cenas da peça se passam em ambientes fechados, mostrando significativamente a atmosfera opressiva de uma aldeia puritana. Nota-se, ainda, o caminhar da história em direção à catástrofe, um movimento que vai do desabrochar de vida na primavera ao desfalecimento no outono. Aqui, há outra divergência com a aparição em Piedade. Pois, estas manifestações sobrenaturais se dão em lugares abertos e durante o dia, o que pode ser representativo do misticismo católico que levou os camponeses de Minas Gerais ao encontro com a salvação e, não, com as trevas.

Contudo, mesmo que *The Crucible* se estruture ao redor dos três personagens acima citados, trazendo à tona profundas questões psicológicas, em nenhum momento perde-se de vista a comunidade teocrática. O indivíduo é sempre tratado enquanto evidência e produto do seu coletivo. Afinal, o autor parte do pressuposto que os atos individuais estão vinculados a um padrão coletivo e que o microcosmo da família reflete a sociedade mais ampla.

Segundo Robert Hogan (1964), a maneira mais eficiente de Miller inserir o homem em seu contexto social é pela técnica do narrador, empregada no ato introdutório. O objetivo deste ato, denominado “an overture”, é criar o pano de fundo para se entender o porquê da adesão em massa ao fanatismo que tomou conta de Salem. Assim, o cenário e o clima da época são estabelecidos antes do caso de Proctor ser abordado - como procurei fazer antes de contar as primeiras aparições marianas na Fazenda Barro Vermelho.

Diante desse enfoque do escritor, que muito se aproxima da preocupação antropológica, várias interpretações do drama o relacionam com abrangentes temáticas humanísticas. Para alguns comentaristas (como E. Miller Budick, 1987; Miguel João Sobrinho, 1982 e Robert Hogan, op. cit.), os julgamentos de feitiçaria não falam apenas do modo puritano de ver o mundo, mas também do pensamento americano, uma vez que a história da teocracia puritana é a própria história dos Estados Unidos. Ou seja, “the dilemma of John Proctor, then, was the dilemma of America itself.” (Budick, idem: 140)

Nessa mesma linha, o estudo de Miguel João Sobrinho, *O teatro consciente de Arthur Miller e Jorge Andrade* (op. cit.), mostra que o complexo de culpa dos americanos é bastante explorado na peça enquanto gerador de fenômenos repressivos. Este sentimento seria o resultado de um ardor religioso e viria acompanhado do forte desejo material de aquisição.

Presente desde a ocupação das terras norte-americanas, a crença de que Deus recompensa a pessoa reta com dinheiro fez deste um símbolo de integridade moral. Só que, a posse de bens materiais foi exaltada sem se importar como eram adquiridos, visto que a riqueza projetava uma imagem benquista e respeitada na sociedade. Assim, as virtudes cristãs passaram a ser almejadas concomitantemente aos bens mundanos, criando, nesta dualidade, a culpa e o desejo de encobri-la.

Paralelamente, Sobrinho (idem) ressalta a preocupação social do dramaturgo, que se manifesta contra o uso abusivo do poder, calçado nes-

se entranhado sentimento de culpa. No fundo, para ele, Miller defende o direito de todo homem ser livre de qualquer tipo de opressão, seja política, econômica ou ideológica. Em consequência, os acontecimentos reais, que envolveram o fanatismo religioso na Nova Inglaterra do século XVII, serviram apenas de veículo para as suas idéias bem mais genéricas.

Apesar de alguns críticos terem reduzido *The Crucible*, na época em que foi escrita, a uma alegoria das investigações oficiais fomentadas por McCarthy, vê-se que ela não é um mero panfleto nem suas motivações contingentes e imediatistas. É verdade que há, por associação, uma crítica às atitudes e métodos dos inquisidores do século XX e àqueles que venderam a própria consciência para fugir da condenação. Contudo, são questões mais universais que conferem vitalidade à peça, provada na sua contínua e bem sucedida remontagem até os nossos dias, e no fato de ter se tornado fonte de inspiração para outros escritores. Por isso, pode-se afirmar que a temática desse drama do passado é trans-histórica. Ela se define como um processo social que inclui e ilumina, mas também transcende, os julgamentos de bruxaria em Salem e as perseguições anticomunistas dos anos 50.

Há aqui um outro importante ponto em comum entre a aparição de Nossa Senhora e *The Crucible*. Embora o fenômeno mariano seja um drama presente, produzido e encenado em Piedade dos Gerais, como afirmei anteriormente, ele não se restringe ao contexto específico da região. Hoje, fiéis oriundos de diversas classes sociais, de várias regiões do país e mesmo do exterior participam ativamente deste acontecimento. Mas, ainda que a aparição mobilize diretamente os católicos, ela não diz respeito somente aos devotos marianos. Ela é bem mais abrangente. Afinal, ao longo destes dois mil anos, Maria conseguiu ultrapassar a singularidade do campo particularmente religioso, sintetizando o sentimento e o pensamento - o “ethos” e a visão de mundo (cf. Geertz, 1978) - da própria cristandade.

Logo, ao entrarem em contato direto e ativarem esse poderoso símbolo, que definiu muito mais que os caminhos da sociedade local e vem atravessando diferentes épocas, as visões sobrenaturais de Piedade dos Gerais revelam uma mensagem bastante ampla. Esta se refere tanto aos camponeses mineiros quanto a todo o Ocidente, e como tal deve ser lida e compreendida.

Por fim, o paralelo que julgo crucial entre o acontecimento de Salem e o de Piedade dos Gerais, reservei para abordá-lo agora, ao término dessa comparação. Embora ambos os casos tragam à tona o mesmo tema - a capacidade das crianças controlarem e definirem o mundo dos adultos,

invocando contato com o sobrenatural -, o mais importante é que estamos diante de dois diferentes núcleos de sentido. Ou seja, há aqui dois mundos sociais opostos. Em Salem a culpa; em Piedade a inocência. No primeiro a condenação, a punição; no segundo a felicidade e a redenção para todos, irrestrita. Enfim, num o adultério, a culpa adulta, representada pelo Diabo; no outro a maternidade da mãe para quem os seres humanos são crianças, a maternidade sem pecado da Virgem.

Assim, nas duas histórias, um grupo de garotas se encontra no centro dos fenômenos, estabelecendo o desenrolar dos acontecimentos e sustentando a sua ação dramática. Porém se, na ficção, as protagonistas levam o povoado à comoção através do terror, no caso real, promovem a paz, a felicidade e a harmonia social, garantindo, pela promessa da Senhora, a salvação àqueles que a seguirem. Enquanto as meninas de *The Crucible* conseguiram facilmente instaurar o horror no local, ganhando o controle sobre os crédulos, os ingênuos e os favorecidos com tal situação, a manifestação da Virgem Maria, pelo contrário, não gerou pavor nem sofrimento entre os camponeses de Minas Gerais.

De qualquer forma, os símbolos presentes no imaginário infantil, capazes de provocar essas profundas revoluções não são aleatórios. Como qualquer símbolo, eles são frutos do contexto e do pensamento religioso em que emergiram. Conseqüentemente, por intermédio deles, as crianças falam pelo todo da sociedade, desempenhando o papel de mediadores do desejo coletivo.

Em Salem, pode-se ver, portanto, que o enraizado sentimento de culpa, a vontade de encobri-lo e a rigidez sufocante de uma sociedade, geraram um fenômeno infernal. Os puritanos foram ao encontro das trevas. Em contrapartida, em Piedade dos Gerais, Nossa Senhora surgiu com a promessa da criação do céu na terra. Os camponeses renasceram, de fato, para a sua glória. Todos os problemas e conflitos mais proeminentes em setembro de 1987, a ameaça da construção de uma usina hidrelétrica, os problemas sócio-econômicos e as atitudes reprováveis do pároco, como por milagre, foram superados após a aparição.

Em suma, nas duas sociedades, por intermédio das crianças, mundos novos foram erguidos. Só que, no texto dramaturgico, os personagens experienciaram a sua “anti-utopia”, enquanto, em Piedade, as meninas propuseram e concretizaram um mundo utópico entre os camponeses (Almeida, 2003 a e b).

Diante de tantos paralelos entre *The Crucible* e a manifestação da Virgem Maria, além da beleza da peça, inspirei-me nela para fazer uma peculiar leitura do fenômeno de Minas Gerais. Cabe ainda dizer que não desconheço a existência de inúmeras obras, tanto na literatura quanto no cinema brasileiro, que enfocam casos verídicos de messianismo e fanatismo religioso no país, mas, entre elas, *The Crucible* pareceu-me a mais perfeita referência para atingir meus objetivos de homenagear seu escritor e apresentar, aqui, a riqueza da experiência do catolicismo popular em Piedade, não cedendo a interpretações excessivamente psicológicas, sociologizantes e pouco sensíveis à vivência do transcendente.

Referências

- ALMEIDA, Tânia Mara Campos. *Vozes da mãe do silêncio: a aparição da Virgem Maria em Piedade dos Gerais (MG)*. São Paulo: CNPq/PRONEX – Attar editorial, 2003 a. A aparição de Nossa Senhora em Piedade dos Gerais (MG). In STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília L. e REESINK, Mísia L. (Orgs). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003 b. p. 139-174
- ANDRADE, Jorge. *Vereda da Salvação* (peça em dois atos). São Paulo: Brasiliense (Brasiliense de Bolso - série teatro universal, vol. 3), 1965.
- BUDICK, E. Miller. History and others spectres in *The Crucible*. In BLOOM, Harold (Org.)- *Modern Critical Views - Arthur Miller*. New York: Chelsea House Publishers, 1987.
- CALLADO, Antônio. *Assunção de Salviano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro (Clássicos Brasileiros, 1280), 1966.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HOGAN, Robert. *Arthur Miller*. São Paulo: Livraria Martins, 1964.
- LLOSA, Mário Vargas. *A Guerra do Fim do Mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- MILLER, Arthur. *The Crucible*. New York: Viking Press, 1953.
- _____. *As Bruxas de Salém*. Lisboa: Editorial Presença, 1961.
- MURRAY, Edward. *Arthur Miller, dramatist*. New York: Frederick Ungar Publishing CO, 1967.
- SANTOS, João Felício. *João Abade*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.
- SOBRINHO, Miguel João. *O teatro Consciente de Arthur Miller e Jorge Andrade*. Tese de doutorado pela Tulane University - EUA, 1982.